

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

SILVIA REGINA CENTENO

**MATERNIDADE E SAÚDE DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA PASTORAL DA  
CRIANÇA: UMA ABORDAGEM DE GÊNERO**

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

SILVIA REGINA CENTENO

**MATERNIDADE E SAÚDE DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA PASTORAL DA  
CRIANÇA: UMA ABORDAGEM DE GÊNERO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

**Orientadora:** Profa. Dra. Dora Lúcia Leidens  
Corrêa de Oliveira

Porto Alegre

2011

***DEDICATÓRIA***

Dedico este trabalho às pessoas que  
mais amo neste mundo: meu filho  
Marcelo e minha mãe Maria.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, por ter me dado saúde e força para a conclusão de mais uma etapa na minha vida.

À minha querida orientadora Profa. Dra. **Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira**, pela acolhida, compreensão e paciência. Muito obrigada!

A todos/as os/as professores/as do **GEERGE/UFRGS**, pelos ensinamentos transmitidos.

A todos/as os/as colegas do curso, em especial ao **Paulo Fernando Zanardini Bueno**, pela amizade construída nesta caminhada.

Aos meus grandes amores, minha mãe **Maria Centeno**, que me ensinou os valores da vida, proporcionou caminhos de sabedoria e sempre me incentivou na luta, mas principalmente pelo carinho, doação, dedicação e amor, e meu filho **Marcelo Centeno Lima**, que é a razão do meu viver e o poderoso combustível para todo o meu esforço!

À amiga e líder da Pastoral da Criança, **Edegemar Pereira de David**, pela incansável ajuda, empréstimo de material e informações prestadas.

Aos **colegas do Centro de Biotecnologia da UFRGS**, que de alguma maneira me ajudaram na realização deste curso.

Ao amigo e parceiro de trabalho **Luciano Saucedo**, pela paciência e coleguismo, nos difíceis momentos de tensão.

À amiga **Arlete Beatriz Becker Ritt**, pela ajuda com o “Abstract”.

À minha **família** e **amigo/as queridos/as**, pelo apoio e compreensão nas minhas ausências.

À **Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**, por me proporcionar, mais uma vez, um ensino público e de qualidade.

A **todos/as** que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

"Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver".

Amyr Klink

## SUMÁRIO

<b>Resumo .....</b>	<b>7</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>8</b>
<b>Apresentação .....</b>	<b>9</b>
<b>1. A Pastoral da Criança como Guia .....</b>	<b>10</b>
<b>2. Mãe, fonte rica do amor de Deus .....</b>	<b>14</b>
<b>3. Os caminhos da Pastoral da Criança .....</b>	<b>21</b>
3.1 A Observação da Celebração .....	22
3.2 Sobre as Cartelas “Laços de Amor” .....	24
3.3 O Guia do Líder da Pastoral da Criança .....	30
<b>4. Considerações Finais .....</b>	<b>34</b>
<b>Referências: .....</b>	<b>35</b>
Bibliográficas .....	35
Periódicos .....	37
Sites .....	38

## RESUMO

O presente estudo inscreve-se no campo teórico dos Estudos Culturais e de Gênero e procurou ao longo da pesquisa investigar como são posicionadas as mulheres-mães sobre a relação entre maternidade e saúde da criança, nos textos dos materiais impressos do organismo de ação social, a Pastoral da Criança. Os objetos escolhidos para a realização da análise foram o “*Guia da Pastoral da Criança*”, que serve como ferramenta principal nos cursos de capacitação ministrados às líderes da Pastoral e também o conjunto de cartelas de nome “*Laços de Amor*”, utilizado pelas líderes durante suas visitas domiciliares às mulheres gestantes da comunidade atendida e, posteriormente, no acompanhamento dos recém nascidos, até completarem o 5º mês de vida. Tanto o “*Guia da Pastoral da Criança*” quanto o conjunto de cartelas “*Laços de Amor*” contêm ensinamentos de como ser uma ‘boa mãe’ e, por esta razão, foram tratados nesta pesquisa como sendo artefatos culturais pedagógicos. A metodologia utilizada foi a análise textual, sob a ótica dos Estudos Culturais, fazendo emergir saberes que naturalizam representações de maternidade naquele contexto da Pastoral, posicionando e normatizando as mulheres-mães como as principais responsáveis pela saúde da criança.

**Palavras-chave:** Maternidade; Representação; Gênero; Pastoral da Criança.

## **ABSTRACT**

The present study integrates the theoretical field of Cultural and Gender Studies. Our goal was to evaluate how the women-mother are placed in the relationship between maternity and child health in the context of the press material from the Social Action Organism, called Child Pastoral. The material used in this analysis was the Child Pastoral Guide that is the principal tool for the formation of the leaders of the Pastoral and, the sheets called “Love Ties” that are used by the leaders during the visitation to the pregnant women in the community and also after the child birth during at least five to six months. Both, the Child Pastoral Guide and the sheets “Love Ties” contain lessons that teach women how to be a good mother and, because of this, the material was used in this research as an artifact, cultural and training material. The methodology used was the text analysis under the optics of the Cultural Studies looking for knowledge and maternity representations on the context of the Child Pastoral that positioning and regulating the women-mother as the principal responsible for the child health.

Key words: maternity, representation, gender, Child Pastoral



## APRESENTAÇÃO

O presente estudo busca analisar, com base nos Estudos Culturais e de Gênero, ancorando-se no conceito de representação, como são posicionadas as mulheres-mães sobre a relação entre maternidade e saúde da criança, nos textos contidos nos materiais impressos da Pastoral da Criança. Nesta perspectiva, será importante analisar não só esta posição, mas também como os conceitos de maternidade e saúde da criança são representados de forma a delimitar um modo específico de ser ou se tornar mãe.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “**A Pastoral da Criança como Guia**”, apresento o tema, os motivos que me levaram a estudá-lo, o objetivo e a justificativa para a realização da pesquisa, além das questões que me propus abordar.

No segundo capítulo, intitulado “**Mãe, Fonte Rica do Amor de Deus**”, apresento o referencial teórico sobre o qual me debrucei, destacando os conceitos de gênero e representação, situando-os dentro dos Estudos Culturais.

No terceiro capítulo, intitulado “**Os caminhos da Pastoral da Criança**”, faço comentários sobre a sensação de me arriscar por um novo caminho metodológico, ou seja, uma análise textual sob a ótica dos Estudos Culturais e por fim, analiso o material impresso da Pastoral da Criança selecionado, entendendo-o como um conjunto de artefatos culturais pedagógicos.

A análise foi dividida em três partes, sendo a primeira relacionada às minhas incursões em campo (**A Observação da Celebração**), a segunda que trata da análise das cartelas “Laços de Amor” (**Sobre as Cartelas Laços de Amor**) e a terceira, referente a análise de algumas páginas selecionadas do guia (**O Guia do Líder da Pastoral da Criança**).

No quarto capítulo encerro a pesquisa, com minhas considerações finais.

## 1 A PASTORAL DA CRIANÇA COMO GUIA

Em busca de um objeto de pesquisa para desenvolver meu trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, deparei-me com um artefato cultural impresso que me foi apresentado por uma moradora do bairro COHAB da cidade de Guaíba, onde também resido, o qual me despertou grande interesse. Tratava-se de um guia, utilizado nos cursos de capacitação de líderes, promovidos pela Pastoral da Criança.

Com uma linguagem simples e clara, o “Guia do Líder da Pastoral da Criança” procura ensinar a estas líderes o que mães e gestantes precisam saber para cuidar do desenvolvimento integral de uma criança, em todas as fases da vida, dando ênfase à sua saúde e boa nutrição, dentre outros aspectos.

No site do Ministério da Saúde o conceito de saúde da criança<sup>1</sup> está diretamente ligado à amamentação: “Amamentar é muito mais do que nutrir a criança. É um processo que envolve interação profunda entre mãe e filho, com repercussões no estado nutricional da criança, em sua habilidade de se defender de infecções, em sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, além de ter implicações na saúde física e psíquica da mãe” (BRASIL, 2011).

A leitura do conteúdo do “Guia do Líder da Pastoral da Criança” me estimulou a investigar como “maternidade” e “saúde da criança” são tratadas neste material impresso, considerando a possibilidade que esta investigação possa produzir subsídios para questionar saberes que normatizam e naturalizam representações de maternidade naquele contexto. A relevância desta investigação está no seu potencial para desvelar os modos de ser ou se tornar mulher-mãe, constituídos nos textos de materiais impressos da Pastoral da Criança.

Desde o início a suposição era de que o modelo de mulher-mãe presente neste material pedagógico poderia conter uma carga considerável de responsabilização da mulher pelo cuidado e saúde da criança, impondo determinadas formas de ação feminina e revelando assimetrias entre homens e mulheres. Esse argumento é importante, considerando a necessidade de superação de padrões naturalizados de “modos de ser” feminino e masculino e das desigualdades de poder de gênero que tais padrões ainda reproduzem.

A partir do conhecimento obtido durante o curso de Especialização passei a me preocupar com os processos pelos quais nos constituímos enquanto sujeitos e as múltiplas

---

<sup>1</sup> Definições e concepções de saúde na modernidade ocidental também podem ser encontradas no Dicionário da Educação Profissional em Saúde, p. 231-234. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e Estação de Trabalho Observatório de Técnicos em Saúde (Org.). Rio de Janeiro: EPSJV, 2006.

pedagogias culturais que permeiam tais processos. Neste sentido, me questiono sobre quais seriam essas pedagogias culturais que se apresentam de forma tão sutil, e que não são percebidas como mais uma “receita” de como devemos ser e de como devemos nos comportar, sem um olhar mais atento e crítico.

As seguintes questões norteiam esta pesquisa:

- Quais representações de maternidade e de saúde da criança embasam os textos da Pastoral da Criança?
- Como são posicionadas no material pedagógico utilizado pela Pastoral as mulheres-mães que são sujeitos das suas ações?
- Como a noção de gênero se inscreve nestes textos?

Decidida a desenvolver esta investigação busquei, primeiramente, conhecer a história da Pastoral da Criança e sua lógica de funcionamento, o que facilitou uma maior aproximação com meu objeto de estudo.

As ações<sup>2</sup> da Pastoral da Criança de promoção do desenvolvimento infantil e a melhoria da qualidade de vida são possíveis graças ao trabalho voluntário (Pastoral da Criança, 2011). Mais de 261 mil pessoas acompanham mais de 1,8 milhão de crianças e 95 mil gestantes em mais de 42 mil comunidades de 4.066 municípios brasileiros. As ações dessas pessoas ajudam a reduzir a desnutrição, a mortalidade infantil e ainda promovem a paz e a justiça social nos grandes bolsões de pobreza e miséria do país. Todo trabalho tem como base a solidariedade e a multiplicação do saber. O resultado é a promoção humana e o fortalecimento do tecido social das comunidades.

Apesar de a ação da Pastoral estar voltada principalmente às crianças, o trabalho é desenvolvido diretamente com as mulheres-mães, por meio de ações educativas, que irão contribuir, segundo a Pastoral, para a melhoria da qualidade de vida das famílias e das comunidades atendidas, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político.

A Pastoral da Criança, fundada em 1983 pela Dra. Zilda Arns Neumann, “é um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB<sup>3</sup>, composta por mais de 260 mil voluntários/as capacitados/as, comprometidos/as em compartilhar seus

---

<sup>2</sup> Disponível em: - < [www.http://pastoraldacrianca.org.br](http://pastoraldacrianca.org.br) > - (Acesso em 04/02/2011).

<sup>3</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

conhecimentos e experiências por meio de ações de saúde, nutrição, educação, cidadania e espiritualidade de forma ecumênica<sup>4</sup>, junto às famílias de classe popular da mesma comunidade em que elas são pertencentes. Essas ações visam promover o desenvolvimento integral das crianças das famílias atendidas, desde a sua concepção, até completarem seis anos de idade (Pastoral da Criança, 2011b).

Foi a partir de um debate sobre a miséria, ocorrido em Genebra, Suíça, no ano de 1982, que surgiu a ideia de levar a Igreja Católica a assumir seu papel na luta contra a mortalidade infantil e a pobreza. Durante uma conversa informal entre o então Secretário-Executivo da UNICEF<sup>5</sup>, James Grant e o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, sugeriram que a igreja pudesse reverter o quadro das altas taxas de mortalidade infantil no Brasil.

De volta ao país, Dom Paulo procurou sua irmã, a Dra. Zilda Arns<sup>6</sup> e lhe contou sobre a conversa. Em pouco tempo nascia a Pastoral da Criança, a partir de um projeto feito pela própria Dra. Zilda e apoiado pela UNICEF. Além dos voluntários, a Pastoral da Criança conta com o apoio de parceiros em programas e projetos e parcerias institucionais e técnicas. O principal parceiro técnico e financeiro é o Ministério da Saúde, que apoia a Pastoral desde o ano de 1985 (Pastoral da Criança, 2011a).

No ano de 1994, a Pastoral foi reconhecida como uma das seis melhores instituições do mundo, com dedicação à saúde e nutrição das comunidades. O reconhecimento ocorreu no Fórum Internacional de Nutrição, realizado na cidade de Seul, Coréia do Sul, sendo “valorizada pelo movimento de luta pela redução da mortalidade infantil, a desnutrição, contra a violência e pela educação das mulheres, tendo como ponto principal, a criança no contexto da família e da comunidade” (Estudos Avançados, 2003, p. 64-65).

Realizei uma busca nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Sistema de Automação de Bibliotecas da UFRGS (SABI) para localizar trabalhos que tivessem a Pastoral da Criança como tema, considerando a produção dos últimos 10 anos. Poucos

---

<sup>4</sup>[...] que congrega pessoas de diferentes credos e ideologias [...] movimento favorável a união de todas as igrejas cristãs, Dicionário Houaiss (2009, p. 721).

<sup>5</sup>UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a infância) com a finalidade de atender, em projetos de longo prazo, crianças e mulheres nos países em desenvolvimento.

<sup>6</sup>A Dra. Zilda Arns Neumann era formada em medicina e especializada nas áreas de educação física e pediatria. Desenvolveu trabalhos na Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, atuando como Diretora de Saúde Materno-Infantil e também se especializou nos campos de Saúde Pública (USP) e Saúde Materno-Infantil (OMS). Em janeiro do ano de 2010, a Dra. Zilda faleceu tragicamente em um terremoto que devastou o Haiti no momento em que ela ministrava uma palestra sobre a Pastoral da Criança, durante a Conferência Nacional dos Religiosos do Caribe.

trabalhos foram encontrados (20), pois na grande maioria são trabalhos da área de epidemiologia.

No mesmo sentido do desenvolvimento desta pesquisa aproximaram-se os trabalhos de Gabriele dos Anjos. O primeiro trabalho da pesquisadora Anjos (2005) é sua tese de doutorado, que apresenta uma análise das condições sociais e institucionais de produção, difusão e adesão a ideologias sobre a condição feminina na Igreja Católica e na Igreja Luterana no Brasil, em um período que abrange a segunda metade do século XX. O outro trabalho de Anjos (2007) consiste em um artigo que tem como objetivo explicitar as formas pelas quais a Igreja Católica renova seus sistemas de ideais nas quais a maternidade é a condição feminina por excelência. Muito embora a linha teórica de Anjos se inscreva numa perspectiva marxista, consegue dialogar nesta pesquisa que é analisada sob a ótica dos Estudos Culturais.

## 2 MÃE, FONTE RICA DO AMOR DE DEUS

Tomando a Pastoral da Criança através de seus textos como uma instância pedagógica e, desta forma, um local de aprendizagem, considero importante analisar as representações de maternidade e de saúde da criança presentes nestes materiais impressos, que são utilizados tanto para a orientação das mulheres atendidas daquela comunidade como para capacitação de líderes, uma vez que ali se estabelece uma forma de educar as mulheres para serem boas mães.

Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. Agora a equiparação está completa: através dessa perspectiva, ao mesmo tempo em que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural. É dessa perspectiva que os processos escolares se tornam comparáveis aos processos de sistemas culturais extra-escolares [...], (SILVA, 1999, p. 139).

Os Estudos Culturais se mostram atraentes para servir como referencial teórico no desenvolvimento desta pesquisa.

Sob o aspecto metodológico, os Estudos Culturais dividem-se em duas tendências, sendo uma mais voltada à etnografia e a outra mais voltada às análises textuais, implicadas com o estudo da comunicação de massas e literatura produzida por e para as classes populares, com atravessamentos de raça, etnia e gênero.

Os primeiros trabalhos que inauguraram os Estudos Culturais britânicos, publicados na década de 50 foram “The uses of literacy”, de Richard Hoggart e “Culture and Society”, de Raymond Williams, tencionando os estudos sobre a cultura existentes até então. Eles ofereciam outro olhar, que não mais aquele defendido por autores como Frank Raymond Leavis, ao dizer que a cultura sempre teria sido sustentada por uma minoria, e que estaria o século XX ameaçado pela civilização e pela cultura de massa. Havia, para Leavis, uma noção de cultura como estado cultivado do espírito, em oposição à civilização, que se encontrava na exterioridade das coisas, enquanto que a cultura era tida como perfeição na intimidade da consciência. Autores como Stuart Hall sugerem que os trabalhos de Hoggart e Williams foram apenas atualizações das preocupações anteriores, apontadas por autores levisistas, mas de qualquer forma foram importantes provocações. Cabe também mencionar o nome de Thompson dentre os estudiosos importantes nesta caminhada em relação às mudanças das análises sobre a cultura, uma vez que ele rompe com as formas mecanicistas e economicistas do marxismo.

No ano de 1964 é fundado o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, da Universidade de Birmingham, onde ocorre a institucionalização dos Estudos Culturais, tendo Stuart Hall como um de seus fundadores e diretores. Este rápido apanhado serve para mostrar toda uma movimentação ocorrida para a transformação da concepção de cultura, ressaltando sua identidade cambiante.

Os Estudos Culturais em Educação, na perspectiva pós-estruturalista, compreendem a cultura como prática de significação, códigos de significados que dão sentido às nossas ações, como um campo de produção de significados no qual grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, luta pela imposição de seus significados (Hall, 1997; Silva, 2000). Ainda sobre os Estudos Culturais, Veiga-Neto (2000) vai reforçar:

É esse caráter articulador que faz dos Estudos Culturais um campo avesso ao reducionismo epistemológico. Centrar nossas análises nos fenômenos culturais não implica reduzir tudo à cultura; significa, sim, assumir que “a cultura é uma das condições constitutivas de existência de toda prática social, que toda prática social tem uma dimensão cultural” (VEIGA-NETO, 2000, p. 53).

Esta explicitação dos Estudos Culturais nos permitirá compreender que os significados não são fixos; são produzidos sim em uma articulação de saber e poder, que irão legitimar “verdades” nos diversos discursos pelos quais nós sujeitos somos atravessados, como por exemplo, o discurso médico, o psicológico, o biológico e, no caso da Pastoral da Criança, o discurso religioso, que dará suporte aos ensinamentos transmitidos.

Conforme o entendimento de Frow e Morris presente no texto de Veiga-Neto (1997):

“... entender a cultura como “todo o meio de vida de um grupo social estruturado através da representação e do poder”. Não é um domínio isolado de jogos de distinção social e de ‘bom gosto’. É uma rede de representações – textos, imagens, conversas, códigos de conduta e as estruturas narrativas que os organizam – que molda cada aspecto da vida social” (FROW & MORRIS apud VEIGA-NETO, 1997, p.345).

A mensagem difundida através dos textos da Pastoral da Criança produz significados sobre os sujeitos os quais também são descritos por um discurso, construindo representações sobre os mesmos (sujeitos) e padrões naturalizados do gênero feminino.

Representação será aqui entendida conforme o que diz Woodward (2000):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação [é] compreendida como um processo cultural, [que] estabelece identidades individuais e coletivas [...] (WOODWARD, 2000, P. 17).

Como as representações são importantes meios para a produção de identidades, no caso da Pastoral da Criança, prescrevem modos de ser mulher-mãe de acordo com as significações e sistemas simbólicos, que as orientam.

Nesse contexto, as representações de maternidade que vêm sendo construídas estão relacionadas às práticas de significação e aos processos simbólicos onde os sentidos de maternidade são veiculados e, como resultado, nomeiam, descrevem, classificam, identificam e diferenciam modos de ser para a maternidade. Assim, diz Meyer (2003):

“os sistemas de representação, quando posicionam seres humanos como mulheres, mães e/ou nutrizes [no material pedagógico da Pastoral da Criança], estão respondendo de antemão, àquilo que elas devem entender e o que são e devem fazer enquanto mães [...]” (MEYER, 2003, p. 42).

A noção de representação utilizada neste estudo está intimamente ligada ao caráter produtivo da linguagem, pois dentro da concepção pós-estruturalista dos Estudos Culturais, a linguagem e o discurso são centrais, para a construção das representações e das identidades.

Apesar do conceito de discurso não aparecer de forma principal neste trabalho, devido a sua complexidade, é indispensável que se diga que o sentido como ele aqui aparece vem da perspectiva foucaultiana, sendo um conjunto de saberes e práticas “que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT 2000, p.56). A linguagem implica então, em relações de poder, porque ela estabelece critérios de legitimidade.

É através da linguagem que se pode dizer sobre o outro, que atributos o outro possui e como ele deve proceder, construindo assim, uma representação. A “verdade” ou “as verdades” se constituem no seio de correlação de forças e de jogos de poder, produzidos na forma de discursos.

O discurso religioso presente no material impresso da Pastoral da Criança investe em uma identidade feminina que é justificada pela maternidade, com o apoio da legitimidade do discurso médico, ditando regras que vão desde a saúde da mãe e do feto até o quinto ano de vida



da criança. Este discurso é pautado por uma instituição masculina (genericada), uma vez que a Pastoral da Criança é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, atuando a partir das igrejas cristãs espalhadas pelo país, com maior participação da Igreja Católica<sup>7</sup>.

Assim, os saberes difundidos pela Pastoral se constituem em um poder, que age não sobre as mulheres-mães, mas sobre as ações das mulheres-mães. Veiga-Neto (2000) ao discutir a questão do poder como um elemento de aproximação entre o pensamento de Michel Foucault e os Estudos Culturais diz:

Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade “sem relações de poder” só pode ser uma “abstração”. Disso se conclui que não existe uma sociedade livre das relações de poder, não porque isso seja difícil, mas simplesmente porque o poder é imanente à lógica de viver em sociedade (VEIGA-NETO, 2000, p. 63).

A categoria gênero é utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa não para indicar uma distinção sexual entre homem e mulher, mas para evidenciar modos naturalizados do ser feminino e masculino, que circulam pela nossa sociedade e que nos ensinamentos da Pastoral irão estabelecer assimetrias no cuidado da saúde uma criança. Para Louro:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p. 21).

---

<sup>7</sup> A Igreja Católica, chamada também de Igreja Católica Romana e Igreja Católica Apostólica Romana é uma Igreja cristã com aproximadamente dois mil anos de existência. Seu objetivo é a conversão ao ensinamento e à pessoa de Jesus Cristo em vista do Reino de Deus. Para este fim, ela administra os sacramentos e prega o Evangelho de Jesus Cristo. Atua em programas sociais e instituições em todo o mundo, incluindo escolas, universidades, hospitais, abrigos, bem como administra outras instituições de caridade, que ajudam famílias pobres, idosos e doentes. A Igreja Católica tem uma estrutura altamente hierarquizada, sendo o seu Chefe o Papa. Ela acredita que os seus clérigos são “ícones de Cristo”, logo todos eles são homens, porque os doze Apóstolos são todos homens e Jesus, na sua forma humana, também é homem. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_Catolica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Catolica)

Foi no final do século XX que o termo “gênero” passou a ser utilizado como uma categoria de análise, onde os/as historiadores/as feministas encontram uma voz teórica própria, sugerindo que este, o gênero, fosse redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que incluísse não somente o sexo, mas também classe e raça.

As feministas vão contra o determinismo biológico e rejeitam a ideia de que as diferenças fisiológicas e anatômicas entre um homem e uma mulher definiriam a diferença entre eles. Oliveira *et al* (2004) enfatiza uma noção de gênero que “extrapola a discussão de papéis e funções de mulher e de homem, englobando todas as formas de construção social, cultural e lingüística, imbricados nos processos que diferenciam homens e mulheres”.

O uso do conceito de gênero pode ter quatro desdobramentos analíticos. O primeiro é que o gênero pode ser aprendido ao longo da vida (engloba todos os processos pelos quais nos construímos e nos distinguimos como corpos e sujeitos femininos e masculinos), em todas as relações sociais que nos envolvemos; o segundo é que gênero se constrói em articulações com outros marcadores, e os modifica; o terceiro fala que o gênero é relacional (e é uma relação de poder); e o quarto e último diz que o gênero é um organizador social e da cultura.

A historiadora Joan Scott teve marcadamente seu momento de importância na emergência do conceito gênero, quando da publicação de seu artigo “Gender: a useful category of historical analysis<sup>8</sup>”, substituindo a “História das mulheres” para a “História de gênero”, colocando-o diretamente nas discussões pós-estruturalistas. Meyer (2003) destaca bem a dimensão de gênero:

O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações (MEYER apud Scott, 1995; Louro, 1997; Meyer, 2000).

O pós-estruturalismo por sua vez, oferecia a proposta da desconstrução dos tradicionais sistemas de pensamento, implodindo as oposições binárias (feminino/masculino, homem/mulher, etc.), que desencadeavam uma hierarquia aparentemente universal e eterna.

---

<sup>8</sup> Este texto foi divulgado amplamente na versão brasileira, no ano de 1990, publicado na revista Educação e Realidade, vol. 16, nº 2.

Apesar de Joan Scott não ter-se preocupado em classificar sua proposta a partir de um referencial teórico específico, parece ter se aproximado do pós-estruturalismo de maneira confortável. A estudiosa Louro (1988) salienta:

Uma política feminista mais radical (e uma história feminista mais radical) parece-me exigir uma epistemologia mais radical. Precisamente porque coloca questões de epistemologia, relativiza o status de todo conhecimento, liga conhecimento e poder, e teoriza-os em termos de operações de diferença, penso que o pós-estruturalismo (ou, ao menos, algumas das abordagens geralmente associadas a Michel Foucault e Jacques Derrida) pode oferecer ao feminismo uma perspectiva analítica poderosa (SCOTTapud LOURO, 1988, p. 4).

O conceito de gênero nos permite a interpretar as diversas maneiras de se viver a maternidade, ou então, evidenciar a forma como ela é tida nos textos da Pastoral da Criança.

Elisabeth Banditer lançou na França, em 1980 o livro “Um amor conquistado – O mito do amor materno”, onde ela discorda que o amor materno é inerente às mulheres. Para esta autora:

[...] o instinto materno é um mito, não havendo uma conduta materna universal e necessária da mãe. [...] Observando-se a evolução das atitudes maternas, verifica-se que o interesse e a dedicação à criança não existiram em todas as épocas e em todos os meios sociais. As diferentes maneiras de expressar o amor vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada. O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX, já que, como o exame dos dados históricos mostra, nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues, desde tenra idade, às amas, para que as criassem, e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história (BANDITER, 1989, p. 2).

Para Meyer (2003), o significado de maternidade segue no mesmo sentido:

[...] os significados de maternidade - que permitem às mulheres entender suas experiências e definir o que elas devem ser, fazer e sentir enquanto mães – são construídos. [...] Comportamentos e sentimentos de doação, cuidado ou amor ilimitados, usualmente inscritos no corpo feminino ou colados à maternidade não têm, em si mesmos, qualquer significado fixo, final e verdadeiro, mas são produzidos e passam a significar algo específico no interior de culturas específicas (MEYER, 2003, p. 41).

No próximo capítulo desenvolvo a análise, buscando evidenciar como são posicionadas as mulheres-mães em relação à saúde da criança no material pedagógico da Pastoral, a partir da noção de gênero, bem como as representações de maternidade ali presentes.

### 3 OS CAMINHOS DA PASTORAL DA CRIANÇA

A opção por fazer uma análise dos textos da Pastoral da Criança exigiu-me um bocado de coragem... Minha formação em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia sempre me deixou à vontade nas realizações de pesquisa cuja metodologia girasse em torno de entrevistas, fossem elas individuais ou em grupo ou então nas observações participantes, mesmo que estas experiências tenham sido poucas. A decisão por analisar textos sob a lente dos Estudos Culturais se transformou em um grande desafio, na medida em que eu não tinha intimidade com o caminho a percorrer. No momento da análise, é necessário mergulhar naquela linguagem que se apresenta no material, em busca dos significados, que não estão na superfície, mas também compreender que os significados por nós encontrados, enquanto pesquisadores/ras não serão os mesmos atribuídos pelos seus autores/as.

Trabalhar com o conceito de representação, como eu já havia dito anteriormente, implica em examinar um pouco mais detidamente as relações entre linguagens, representações, produção de significados, discursos, relações essas que assumem uma posição de destaque na condução de análises culturais (Wortmann, 2002, p. 78).

As representações atuam na constituição das identidades dos sujeitos e dos grupos sociais. Silva (2000) afirma que ao examinar os sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado. Ele diz:

Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior (SILVA, 2000, p.17).

De posse do material empírico, iniciei minha análise, sob a ótica dos Estudos Culturais e com as seguintes indagações: 1) Quais representações de maternidade e de saúde da criança embasam os textos da Pastoral da Criança? 2) Como são posicionadas as mulheres-mães, que são sujeitos das ações da Pastoral, no material pedagógico da Pastoral da criança? 3) Como a noção de gênero se inscreve nestes textos?

A pesquisa centrou-se na análise de dois textos impressos da Pastoral. O primeiro trata-se de um conjunto de cartelas de nome “Laços de amor” (Anexo A) e o segundo consiste no próprio “Guia do líder da Pastoral da Criança” (Anexo B). O conjunto de cartelas “Laços de Amor” é um material pedagógico manuseado pelas líderes junto às mães, no momento das

visitas domiciliares, com o objetivo de melhorar o envolvimento da gestante e da família com a gravidez<sup>9</sup>. O “Guia do Líder da Pastoral da Criança” é um manual utilizado nos cursos de capacitação, ministrado às líderes.

Apesar de ter tomado a decisão de fazer somente a análise dos textos da Pastoral, julguei interessante minha participação, enquanto pesquisadora, em alguns encontros chamados de “Celebração da Vida”, promovidos pelas líderes ligadas à paróquia Santa Rita de Cássia, situada no bairro COHAB da cidade de Guaíba, que atendem às mulheres-mães daquela comunidade, com seus respectivos filhos.

### **3.1 A Observação da Celebração**

Durante os encontros foram feitos alguns registros, que posteriormente me ajudaram na análise e interpretação do material impresso. Realizei três observações participantes, levando em consideração alguns elementos como o ambiente onde as reuniões são realizadas, linguagem verbal utilizada, e o comportamento e a relação de todas as pessoas participantes do grupo (mulheres-mães, crianças e líderes).

Os encontros da “Celebração da Vida” ocorrem no Centro Comunitário do bairro COHAB da cidade de Guaíba, na primeira quarta-feira de cada mês, no turno da manhã. Este é o momento em que ‘as famílias se reúnem para celebrar o desenvolvimento de suas crianças. É nesse dia que as crianças são pesadas’ (Pastoral da Criança, 2007, pg. 17).

O ambiente é simples. As líderes fazem uso de algumas classes escolares e cadeiras dispostas no local, e também da cozinha, para preparo do lanche, que é servido no final do encontro. À medida que as mulheres-mães e seus filhos chegam, as líderes fazem a recepção de modo caloroso e já encaminham as crianças para a pesagem. A pesagem é feita com uma balança suspensa, que é amarrada por cordas em algum lugar seguro do ambiente, que agüente o peso da criança. Após a pesagem, o dado é anotado no caderno da líder, onde já consta o nome da criança acompanhada, e também na caderneta chamada de Caderneta de Saúde da Criança, que deve ficar com ‘os pais’.

No guia do líder da Pastoral (Anexo B/pág. 160), constam as informações de como a balança deve ser usada. Uma das frases desta página contém a seguinte informação:

---

<sup>9</sup> Guia do Líder da Pastoral da Criança, p. 23, 2007.

No dia da Celebração da Vida, todas as crianças acompanhadas são pesadas. Esse dia deve ser usado para o líder conversar com os pais sobre o desenvolvimento dos seus filhos.

Observa-se que a palavra líder é mencionada no gênero masculino, sendo que na grande maioria são as mulheres que ocupam a posição de líderes da Pastoral da Criança. A frase cita ‘os pais’ para conversarem sobre o desenvolvimento das crianças, no entanto as líderes comentam que a reunião é freqüentada praticamente, somente pelas mulheres-mães. Na dissertação de mestrado de Maria Simone Vione Schwengber (2006), ela afirma que são muitos os locais da cultura, reforçados por elementos da legislação em que a mulher-mãe será chamada, acionada e legitimada a criar e educar os/as filhos/as, mesmo que estes/as tenham o pai.

As cadeiras são dispostas em círculo para que todas assistam a uma palestra, que é ministrada por convidados/as, abordando temas de interesse do grupo como assuntos relacionados, à saúde da mulher, violência doméstica, saúde da criança, etc.

A linguagem utilizada pelas líderes durante o encontro é simples, mas a disposição no ambiente as coloca em posição de destaque, como educadoras do grupo atendido. No artigo de Anjos (2007) ela enfatiza essa posição de destaque em que as líderes se percebem educadoras e orientadoras da família:

A pastoral da Criança direciona os engajamentos femininos nos espaços públicos ao cuidado dos espaços privados, aos cuidados físicos e à civilização. [...] àquelas que se engajam como “líderes”, ‘mulheres pobres’, muitas ‘analfabetas’ mas que, a partir do trabalho na Pastoral e do aprendizado de técnicas de cuidado, na freqüência de cursos de capacitação, na “formação continuada”, na aquisição de “noções básicas de saúde” e no “envolvimento dos problemas da comunidade”, “transformam-se” (ANJOS, 2007, p. 37).

O entendimento das líderes da Pastoral da Criança sobre maternidade, saúde da criança e sobre a relação que existe entre estes conceitos é constituído a partir do conhecimento obtido em diversos contextos: em cursos de capacitação específicos da Pastoral, em experiências no cotidiano da vida, aí incluídas as experiências na Pastoral, em contextos formais de educação e outros. Desta forma, as líderes também estão posicionadas nos discursos sobre maternidade e cuidados com a saúde da criança, a partir de suas vivências enquanto mães, alternando suas posições, ora de sujeito, ora de líder.

As mulheres-mães presentes no encontro falam sobre as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e aguardam o momento da palestra. Após a palestra, todas são convidadas a fazerem uma oração e, logo após, o lanche é servido. O lanche oferecido é leite com chocolate em pó e sanduíche de mortadela ou bolo. Geralmente os ingredientes do lanche são doados por padarias da comunidade, ou ofertado por uma das líderes.

Após o término do lanche, as crianças e as mulheres-mães saem rapidamente, prometendo presença no próximo encontro.

### 3.2 Sobre as cartelas “Laços de Amor”

Realizei a análise de um conjunto de cartelas denominado de “Laços de Amor”. O conjunto comporta 15 cartelas que ficam guardadas em uma caixinha de papelão (Figura 1).

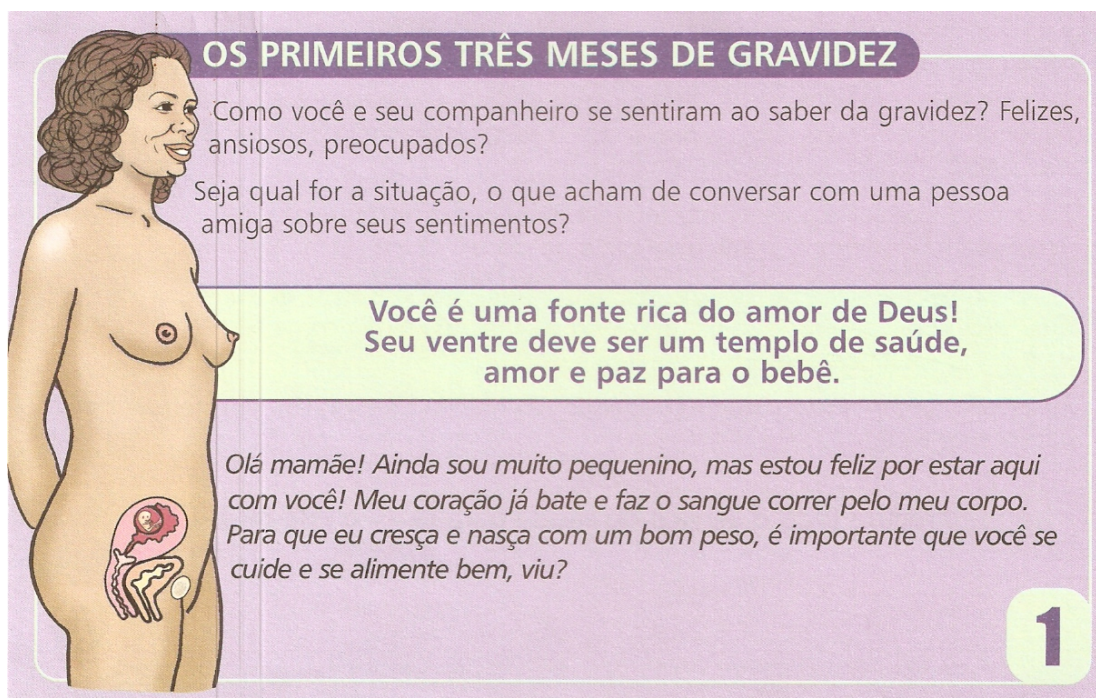


**Figura 1: Capa da caixinha de papelão onde as cartelas “Laços de Amor” ficam guardadas.**



A cada visita que a mulher gestante recebe, é feita a leitura da cartela correspondente àquele mês (elas são numeradas e obedecem a uma ordem). Cada cartela contém ensinamentos de como a mulher gestante deve cuidar da sua saúde e alimentação, bem como da saúde e alimentação de seu filho, antes e depois do nascimento, até o 5º mês de vida. Após o término do acompanhamento à mulher gestante, a caixinha contendo as cartelas é doada às mães, servindo como lembrança pelo período de gestação e pelos primeiros meses de vida do recém-nascido.

No guia do líder consta que estas cartelas “são uma grande ajuda para os líderes darem orientações práticas sobre como a gestante pode se cuidar melhor e criar uma ligação mais forte com o bebê que está vindo<sup>10</sup>”. A cartela de número 1 (figura 2) trata dos primeiros três meses de gravidez da gestante. Nela aparece a figura do corpo de uma mulher de cor escura, onde somente o seu aparelho reprodutor é destacado, de forma bem colorida.



**Figura 2: Cartela nº 1**

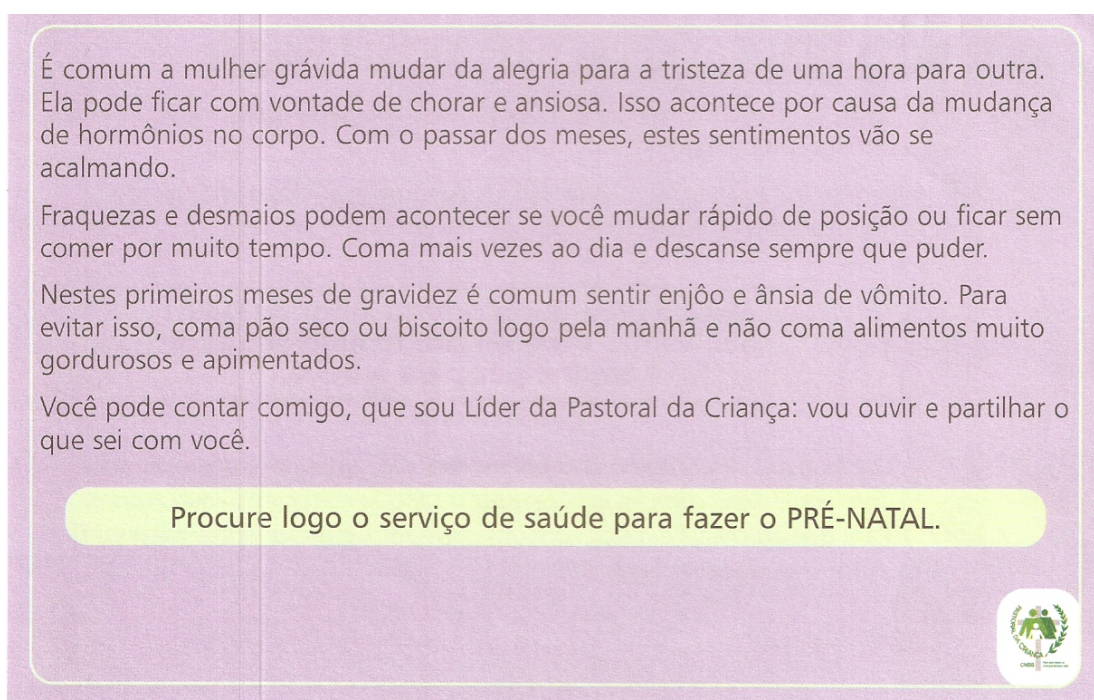
Em todas as cartelas encontra-se a fala do feto, que mesmo antes do nascimento já é personificado:

<sup>10</sup> Guia do Líder da Pastoral da Criança, p. 23, 2007.

Olá mamãe! Ainda sou muito pequenino, mas estou feliz por estar aqui com você! Meu coração já bate e faz o sangue correr pelo meu corpo. Para que eu cresça e nasça com um bom peso, é importante que você se cuide e se alimente bem, viu?

As quinze cartelas contêm falas do “bebê” pedindo à gestante que ela tenha cuidado com a sua saúde e com a sua alimentação, pois uma vez ela alimentada e com saúde, ele [o bebê] também estará alimentado e saudável. Nota-se que no discurso da Pastoral, a mulher já é a única responsabilizada pela saúde e alimentação do filho, que ainda está por vir.

No anverso da cartela de número 1 (Figura 3), aparece o discurso biomédico para explicar que a mulher pode mudar da alegria para a tristeza de uma hora para outra, chorar e ficar ansiosa, ‘por causa da mudança de hormônios no corpo’ (grifo meu).



**Figura 3: Verso da Cartela 1**

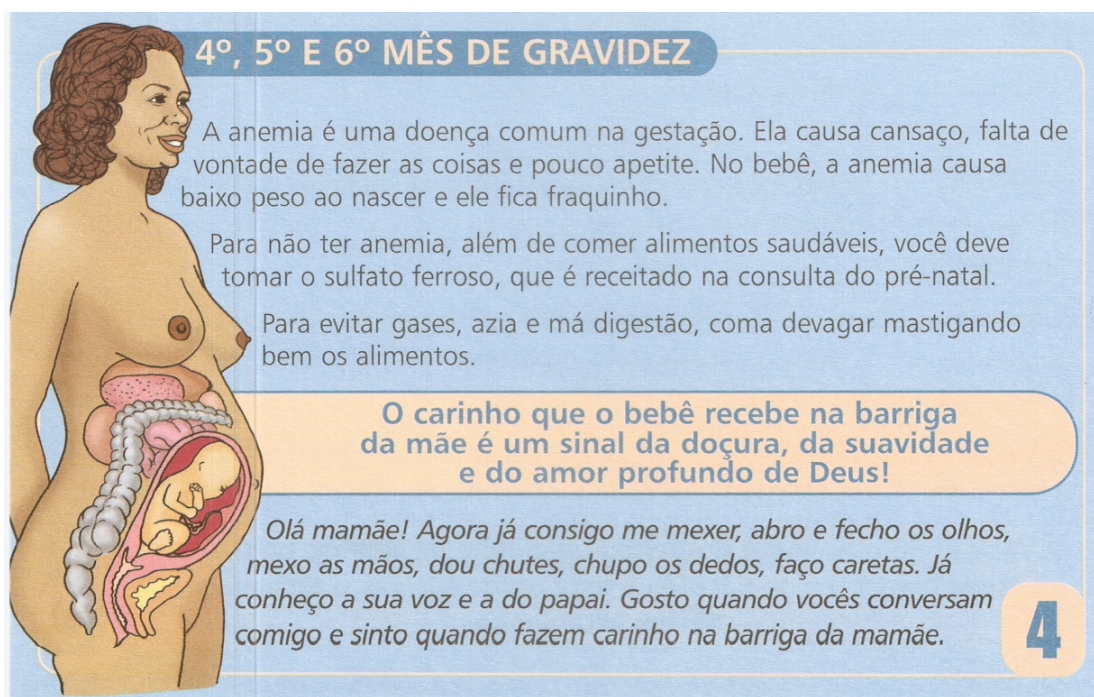
Todas as cartelas contêm frases de cunho religioso enaltecendo a maternidade e colocando a mulher em uma posição de privilégio por estar grávida. A maternidade é tida como algo divino. Na cartela de número 4, (Figura 4) a mensagem religiosa transmitida diz:

O carinho que o bebê recebe na barriga da mãe é um sinal da doçura, da suavidade e do amor profundo de Deus!



Nesta mensagem são concedidos à mulher-mãe, fortes atributos de caráter essencialista, que constroem a representação de maternidade, sugerindo uma “natureza feminina” com dotes para a maternidade.

As cartelas contêm orientações médicas e nutricionais, expostas de modo imperativo, como ‘Você deve tomar sulfato ferroso’, ‘Coma devagar, mastigando bem os alimentos’, ‘Faça caminhadas’ e ‘Evite ficar muito tempo sentada’, ‘Cuide dos seus dentes’, ‘Escove os dentes’, ‘Passe fio dental pelo menos uma vez por dia’ (Figuras 4 e 5).



**4º, 5º E 6º MÊS DE GRAVIDEZ**

A anemia é uma doença comum na gestação. Ela causa cansaço, falta de vontade de fazer as coisas e pouco apetite. No bebê, a anemia causa baixo peso ao nascer e ele fica fraquinho.

Para não ter anemia, além de comer alimentos saudáveis, você deve tomar o sulfato ferroso, que é receitado na consulta do pré-natal.

Para evitar gases, azia e má digestão, coma devagar mastigando bem os alimentos.

**O carinho que o bebê recebe na barriga da mãe é um sinal da doçura, da suavidade e do amor profundo de Deus!**

*Olá mamãe! Agora já consigo me mexer, abro e fecho os olhos, mexo as mãos, dou chutes, chupo os dedos, faço caretas. Já conheço a sua voz e a do papai. Gosto quando vocês conversam comigo e sinto quando fazem carinho na barriga da mamãe.*

**4**

**Figura 4: Cartela n° 4**

Ainda no verso da cartela de número 4 (Figura 5) está disposta no rodapé da mesma, uma sugestão de como a mulher gestante deve efetuar a limpeza dos seus dentes, utilizando tiras bem finas de pacote de leite ou de sacolas plásticas, prevendo que por se tratarem de gestantes pertencentes a uma comunidade de classe popular, talvez estas mulheres-mães não disponham de recursos para a compra do fio dental.

Por outro lado, na cartela de número 5 (Figura 6) é exigido que a gestante tenha uma alimentação saudável, rica em ferro e vitaminas, para que o “bebê” nasça e cresça com um bom peso.


É comum os pés incharem e aparecer varizes nas pernas. Isso acontece porque o útero vai crescendo e aperta algumas veias da barriga, dificultando o retorno do sangue das pernas para o coração.

Para diminuir o inchaço, faça caminhadas e evite ficar muito tempo sentada ou deitada. Quando estiver deitada, coloque um apoio embaixo das pernas para deixá-las mais elevadas.


Cuide dos seus dentes! Evite alimentos doces para não ter cáries e problemas na gengiva. Escove os dentes, a língua e a gengiva após cada refeição e passe fio dental pelo menos uma vez ao dia.

Por causa dos hormônios da gravidez, é comum as gengivas sangrarem. Mesmo que isso aconteça, continue cuidando da limpeza da boca e consulte o dentista da unidade de saúde.

**Você pode usar como fio dental uma linha de costura bem grossa, ou tiras bem finas de pacote de leite ou de sacolas plásticas, que devem estar limpas.**



**Figura 5: Verso da Cartela nº4**



### ALIMENTAÇÃO DA GESTANTE

*Olá, mamãe! Continuo crescendo e ganhando peso. Obrigado por cuidar tão bem de mim! Não vejo a hora de estar bem pertinho de você, ser tocado e amado!*

**Você está cheia de “graça”!  
É a luz do Senhor que vem de dentro de você.**

Você precisa ter uma alimentação rica em ferro, vitamina C, vitamina A, iodo e cálcio para ficar saudável e para o bebê crescer e nascer com um bom peso.

O **ferro** ajuda a prevenir a anemia e é encontrado nas carnes, miúdos, feijão e outros vegetais de vagem, castanha do pará, de caju e amendoim. O ferro desses alimentos é melhor aproveitado quando se come alimentos ricos em vitamina C e A juntos na mesma refeição.

A **vitamina C** ajuda a fechar as feridas e evita infecções e sangramentos. É encontrada nas frutas e verduras cruas.

**5**

**Figura 6: Cartela nº 5**

O modo imperativo como que o discurso sobre o cuidado de si se apresenta no material impresso preparado às mulheres gestantes reforça o cuidado que a gestante deve ter consigo mesma colocando-a em uma posição de responsável por aquele corpo grávido. Schwengber (2006) em sua tese de doutorado discutiu alguns modos pelos quais diferentes discursos investem sobre o corpo grávido. Diz ela:

[...] as pedagogias corporais são, antes de tudo, educativas, não apenas por educarem os corpos grávidos, mas, mais do que isso, porque educam as gestantes a viverem, corporalmente, suas gestações de determinados modos (SCHWENGBER, 2006, p. 108).

A cartela de número 6 (Figura 7) atenta para os cuidados que a gestante deve ter com seu corpo, pois conseqüentemente estará cuidando também do corpo do “bebê”. Cabe aqui descrever o que Goellner (2007) diz sobre o corpo:

[...] um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem [e da mesma forma ao corpo grávido] (acrécimo meu. GOELLNER, 2007, p. 29).

A cartela de número 6 (Figura 7) atenta para a situação de perigo que a mulher gestante pode pôr seu filho, caso ela não tenha uma vida regrada. Caso algo de mal aconteça ao feto, a mãe é culpabilizada.



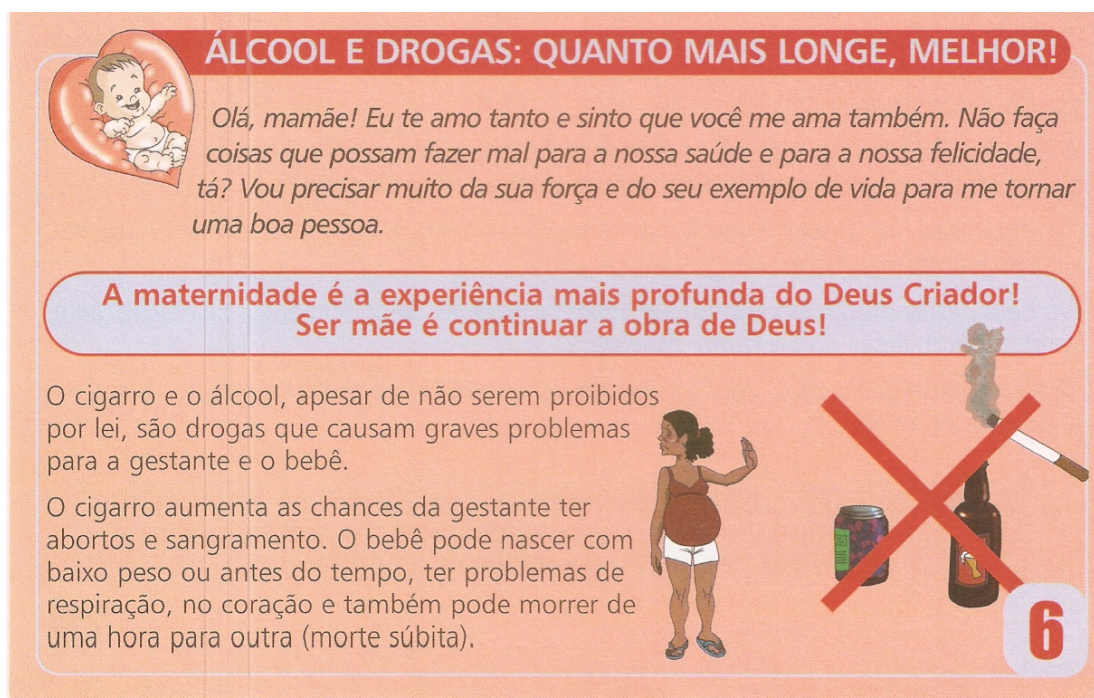
**ÁLCOOL E DROGAS: QUANTO MAIS LONGE, MELHOR!**

*Olá, mamãe! Eu te amo tanto e sinto que você me ama também. Não faça coisas que possam fazer mal para a nossa saúde e para a nossa felicidade, tá? Vou precisar muito da sua força e do seu exemplo de vida para me tornar uma boa pessoa.*

**A maternidade é a experiência mais profunda do Deus Criador!  
Ser mãe é continuar a obra de Deus!**

O cigarro e o álcool, apesar de não serem proibidos por lei, são drogas que causam graves problemas para a gestante e o bebê.

O cigarro aumenta as chances da gestante ter abortos e sangramento. O bebê pode nascer com baixo peso ou antes do tempo, ter problemas de respiração, no coração e também pode morrer de uma hora para outra (morte súbita).



**Figura 7: Cartela nº6**

### 3.3 O Guia do Líder da Pastoral da Criança

O Guia do Líder da Pastoral da Criança é um livro denso, contendo 303 páginas divididas em capítulos que iniciam falando da mulher gestante, seu corpo, o processo de fecundação, a gestação mês a mês, destacando os cuidados que ela deve ter com sua saúde e por consequência a saúde do feto em cada um destes períodos, passando pelo nascimento da criança, até o seu quinto ano de vida (da criança).

Como o guia é uma ferramenta para a capacitação das líderes, permanece com elas após o término do curso, pois também servirá como suporte no atendimento às mulheres mães e crianças da comunidade a ser atendida. O último capítulo do guia apresenta a missão da Pastoral da Criança e os desafios a serem enfrentados.

A apresentação do guia, edição do ano de 2007, é assinada pelo Arcebispo Dom Aloysio J. L. Penna, e pela Dra. Zilda Arns Neumann, fundadora e na época coordenadora Nacional da Pastoral da Criança. O texto tem caráter religioso, composto por várias citações bíblicas, que aparecem distribuídas por todo o guia:

O líder da Pastoral da Criança vai, de casa em casa, acompanhando gestantes e crianças de famílias próximas à sua casa. Com isso, ele e milhares de líderes da Pastoral da Criança estão continuando o projeto de Jesus aqui na terra: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” Jô 10,10 (PASTORAL DA CRIANÇA, 2007, pg. 16)

As primeiras páginas contêm ensinamentos sobre o corpo humano feminino e masculino, e como ocorre a fecundação, porém é desenhado apenas o corpo da mulher para servir de ilustração. O texto explica que, caso a mulher não engravide, o corpo desmancha o ‘ninho’ preparado pelo útero.

As páginas seguintes contêm instruções às líderes de como elas devem proceder nas visitas domiciliares onde será transmitida a vasta gama de ensinamentos à mulher-mãe, com relação a uma boa gestação e cuidados para com o desenvolvimento de uma criança. A mulher gestante constantemente é caracterizada por atributos consagrados como sendo do universo feminino: frágeis, sensíveis e carinhosas.




**Figura 8: Responsabilização pelo cuidado da criança e pelo cuidado da casa.**

A figura seguinte mostra uma página do guia onde contém uma relação de “direitos” que a mulher gestante tem, mas que podem ser traduzidos em deveres para com ela mesma e sua gestação.

55

A gestante tem o direito de:

- Receber o Cartão da Gestante no início do pré-natal. Nele serão anotados os dados referentes à gestação;
- Saber com quantos meses de gravidez está e a data provável do nascimento do bebê;
- Receber informações de como se alimentar melhor;
- Receber orientações sobre a amamentação;
- Receber orientações sobre os cuidados com seu corpo;
- Ser orientada sobre a vacina contra o tétano;
- Saber como estão sua pressão e seu peso;
- Ser informada sobre os sinais de perigo na gestação;
- Fazer exame ginecológico: exame das mamas, toque vaginal (exame por baixo) e, se não tiver sido feito no último ano (rotina), preventivo de câncer de colo do útero;
- Ter sua barriga medida para acompanhar o crescimento do bebê;
- Saber a posição do bebê em sua barriga e como bate seu coraçãozinho;
- Fazer exame de sangue para ver se tem anemia, diabetes, sífilis, hepatite, aids e conhecer seu tipo de sangue;
- Fazer exame de urina para ver se tem infecção e alguns outros problemas;
- Receber suplementação de ferro e ácido fólico.



A saúde da mãe e a saúde do bebê dependem de um bom pré-natal.

**Figura 9: “Direitos” e “deveres” da mãe.**

Conforme figura abaixo, a mãe “precisa” de uma boa alimentação, para a obtenção uma gravidez saudável. Novamente a mãe é colocada como a principal responsável pela saúde da criança, antes mesmo do nascimento.

29

**Alimentação saudável**



A mulher precisa de uma boa alimentação para se manter saudável e para que seu bebê possa se desenvolver e nascer com peso adequado. Se a gestante se alimenta mal, ela pode ficar anêmica e desnutrida. Seu bebê pode nascer com baixo peso, ter mais facilidade em pegar doenças e demorar mais para se recuperar.

Uma alimentação saudável contém alimentos variados, limpos, frescos e em quantidade suficiente. É muito importante se preocupar com a qualidade e a quantidade dos alimentos. Tanto a falta quanto o excesso de comida podem fazer mal à saúde.

Para uma alimentação mais saudável é preciso dar preferência a alimentos frescos e evitar alimentos industrializados, principalmente, refrigerantes e salgadinhos. A forma de preparo dos alimentos também é muito importante: sempre é melhor comer alimentos assados e cozidos do que fritos.

**Figura 10: A “alimentação saudável”.**



A partir do nascimento do bebê, o guia começa a transmitir ensinamentos sobre os cuidados com o recém nascido. É dada muita ênfase na questão do aleitamento materno, exaltado com a frase “Todo apoio para promover a amamentação é abençoado!”



**Figura 11: Aleitamento materno.**



**Figura 12: Também está presente o discurso da psicologia do desenvolvimento e até da biologia, lembrando uma espécie de simbiose entre a mãe e filho.**

O guia segue até o seu final com ensinamentos repetitivos de como a mulher deve cuidar da saúde e alimentação de seu filho, até os cinco anos de idade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, procurei analisar como são posicionadas as mulheres-mães nos textos dos materiais impressos da Pastoral da Criança, sobre a relação entre maternidade e saúde da criança.

Nos ensinamentos divulgados através do material pedagógico endereçado às mulheres-mães e às líderes, a mulher aparece em uma posição subordinada à identidade de mãe. A representação de maternidade se mostra quando a mulher é situada como que realizando seu grande desejo, o desejo da maternidade.

O conhecimento difundido pela Pastoral da Criança através das práticas de autocontrole do corpo da mulher gestante e de seu comportamento naturaliza modos de ser feminino limitando-a ao regime de cuidar de si e cuidar do seu filho, sugerindo uma “essência” incontestável daquele corpo preparado para a maternidade.

As relações de saber-poder que constituem o discurso da Pastoral (religioso), alicerçado pelos discursos médico, psicológico e biológico, transferem para as gestantes uma carga considerável de responsabilização, tanto pela saúde da criança como pela sua própria saúde.

É importante que sejam pensadas as outras várias possibilidades de maternidade, que estão postas na nossa sociedade, diferente daquela enfatizada neste material, de um modelo de família mononuclear, onde o homem sai em busca do sustento e a mulher fica em casa no controle do mundo privado.

Conclui-se que a questão do gênero ainda se manifesta fortemente no aprendizado para a maternidade, maternidade esta que muitas vezes não fora planejada, mas que é (re) significada através daquela velha frase “Mãe é padecer no paraíso!”

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

ANJOS, Gabriele dos. **Mulheres todas Santas: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul.** 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno.** (Tradução de Waltensir Dutra), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 páginas.

BAUER, M. W., Gaskell, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BERTUCCI, Janete L. O. **Metodologia Básica para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC): ênfase na elaboração de TCC de Pós-Graduação Lato Sensu.** São Paulo: Atlas, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que Pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** In: LOURO, Guacira Lopes, SILVA, Tomaz Tadeu da, *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.* 3ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do Saber** - 6ª edição – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, 18ª edição, São Paulo: Loyola, 2009. 79 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 2006.

GOELLNER, Silvana Villodre. **A Produção Cultural do Corpo**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Villodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade - Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009, p. 721.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In: *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 07-131. (Tradução Tomaz Tadeu da Silva).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Villodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade - Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Guia do líder da Pastoral da Criança**. Curitiba, 2007. 303 páginas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SCHWENGBER, M. S. V. *Dona de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais e Filhos*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Michel Foucault e os Estudos Culturais*. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS, 2000.

VÍCTORA, C.; KNAUTH, D. HASSEN. **Método de Pesquisa Qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo, 2000.

WORTMANN, M. L. C. Análises Culturais – Um modo de lidar com histórias que interessam à Educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II – Outros modos de Pensar e Fazer Pesquisa em Educação**, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

### **Periódicos**

ANDRADE, Raquel Dully e MELLO, Débora Falleiros de. **Organizações Sociais e Instituições Governamentais: perspectivas de parceria na atenção à saúde da criança através dos voluntários e da pastoral da criança**. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2006, vol.40, n.1, pp. 93-97.

ANJOS, Gabriele dos. **Maternidade, Cuidados do Corpo e “Civilização” na Pastoral da Criança**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2007.

CASEMIRO, Juliana Pereira; VALLA, Victor Vincent e GUIMARAES, Maria Beatriz Lisboa. **Direito Humano à Alimentação Adequada: um olhar urbano**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2010, vol.15, n.4, pp. 2085-2093.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 22, n° 2, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. **As Mamas como Instituíntes da Maternidade: uma história do passado?** Revista Educação e Realidade, vol. 25, n. 2 jul.-dez., p. 117-134 [s.n.t.]

\_\_\_\_\_. **Gênero e Saúde: indagações a partir do pós-estruturalismo e dos Estudos Culturais.** Revista de Ciências da Saúde, Florianópolis, vol. 17, n.º 1, (jan/jun., 1988), pp. 13-32.

\_\_\_\_\_. **Educação, Saúde e Modos de Inscrever uma Forma de Maternidade nos Corpos Femininos.** Movimento, Porto Alegre, v. 9, n.º 3, p. 33-58, set./dez., 2003.

OLIVEIRA, D.L.L.C. *Et Al.* **A negociação do sexo seguro na TV: discursos de gênero nas falas de agentes comunitárias de saúde do Programa Saúde da Família de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, set-out, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, vol. 20, pp. 71-94, jul./dez., 1995.

### Sites

- **Como Fazemos.** 2011, 7 páginas. Disponível em: - < <http://pastoraldacrianca.org.br/> > - (Acesso em 04/02/2011).

- **Lições da Pastoral** – Entrevista com Zilda Arns Neumann. 2003, 13 páginas. Disponível em: - < <http://pastoraldacrianca.org.br/> > - (Acesso em 04/02/2011).

- Ministério da Saúde – Saúde da Criança– Caderno de Atenção Básica nº 23. Disponível em - < [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_nutricao\\_aleitamento\\_alimentacao.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf)> - (Acesso em 02/07/2011).